



# INTRODUÇÃO

## INTRODUCTION

A Morfologia pode ser vista como um dos campos da língua mais antigos e mais intensivamente estudados seja do ponto de vista empírico, seja do tipológico<sup>1</sup>, embora, por algum tempo, o interesse pelo seu estudo tenha se arrefecido. Segundo Anderson (1982)<sup>2</sup>, nos primeiros anos do desenvolvimento da Teoria Gerativa (de 1957 a 1970), a Morfologia que, desde o início do século XX, sob a égide do Estruturalismo bloonfieldiano, se ocupava da segmentação das palavras, da distribuição dos morfemas, considerando os processos de derivação e flexão das palavras, perdeu espaço para os estudos da sintaxe, que operava com as palavras, sem lugar para o morfema, e também da fonologia, que tomou para si o estudo das alomorfias. Nesse cenário, não há lugar para os estudos morfológicos centrados nos morfemas. Dessa forma, Anderson (1982, p.571) ironiza: “[...] *sem a distribuição nem a alomorfia do morfema para explicar, então, morfologistas poderiam ir com segurança para a praia*”<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> GALANI, A; HICKS, G; TSOULAS, G. (eds.). *Morphology and its interfaces*. Linguistik Aktuell/Linguistics Today, 178. Amsterdam: John Benjamins, 2011.

<sup>2</sup> ANDERSON, Stephen R. Where's Morphology. In: *Linguistic Inquiry*, v.13, n.4. The Massachusetts Institute of Tecnology. 1982, p. 571-612.

<sup>3</sup> Tradução aproximada do original: *With neither morpheme distribution nor allomorphy to account for, then, morphologists could safely go to the beach*. Anderson (1982).

---

Com a publicação em 1970 de *Remarks on Nominalization* de autoria de Chomsky, que discute sobre dois tipos de nominalizações do inglês, o interesse pela morfologia ressurge. Neste artigo, ao autor discute sobre a formação das nominalizações gerundivas, como em *refusing* (*recusa*) e nominalizações nominais, como em *refusal* (*recusa*). Após uma série de comparações entre o comportamento desses dois tipos de nominalização, Chomsky propõe que as primeiras ocorrem na sintaxe e, as segundas, no léxico, retirando da sintaxe as operações de derivação. Chomsky propõe que a estrutura das palavras geradas no léxico é opaca à sintaxe, uma premissa básica da hipótese Lexicalista.

Depois de *Remarks on Nominalization*, muitos pesquisadores se interessaram em realizar trabalhos de cunho gerativista para dar conta das operações ocorridas no léxico no que diz respeito à formação das palavras, tais como, Morris Halle (1973)<sup>4</sup>, Ray Jackendoff (1975)<sup>5</sup>; Mark Aronoff (1976)<sup>6</sup>. Porém, outros autores já discutem se essa divisão reflete realmente o comportamento dos primitivos da morfologia e das operações realizadas no léxico nas línguas naturais. Os primitivos morfológicos não interfeririam na sintaxe? Na esteira dessa questão podemos citar o trabalho de Andersom (1982), e Andrew Spencer (1991)<sup>7</sup>.

Recentemente, no início da década de 90, um grupo de linguistas passou a assumir que a formação das palavras ocorre na sintaxe. É o modelo da Morfologia Distribuída. Seu início é marcado trabalhos pioneiros de Morris Halle e Alec Marantz (1993)<sup>8</sup> e Alec Marantz (1994)<sup>9</sup>. A partir daí, os trabalhos têm sido realizados considerando não só a interface com a sintaxe, mas também com a fonologia e a semântica.

No Brasil, até hoje, o estudo morfológico de caráter estruturalista, introduzido por Mattoso Câmara Jr., é bastante profícuo. Suas ideias sobre a

---

<sup>4</sup> HALLE, M. Prolegomena to a theory of word formation. *Linguistic Inquiry*. Volume 4 Number 1 (Winter, 3-16, winter. 1973).

<sup>5</sup> JACKENDOFF, R. Morphological and semantic regularities in the lexicon. *Language* 51. 639-671. 1975.

<sup>6</sup> ARONOFF, M. *Word Formation in Generative Grammar*. Massachusetts: The MIT Press, 1976.

<sup>7</sup> SPENCER, A. *Morphological Theory: An introduction to Word Structure in Generative Grammar*. Oxford: Blackwell, 1991.

<sup>8</sup> HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Distributed morphology and the pieces of inflection. In: HALLE, Kenneth; KEYSER, Samuel Jay (eds.). *The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge: MIT Press, 1993. p. 111-176.

<sup>9</sup> HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Some key features of distributed Morphology. In: MITPWL 21. *Papers on Phonology and Morphology*. Cambridge: MIT Press, n. 21, p. 275-288, 1994.

---

estrutura da língua portuguesa, publicadas em 1970, na obra *Estrutura da Língua Portuguesa*<sup>10</sup> motivou o aparecimento de diversos manuais de estudo de morfologia e suas ideias predominam ainda nos livros didáticos do ensino fundamental ao ensino médio e nas universidades, com algumas distorções.

Porém, o estudo morfológico fundamentado em teorias linguísticas pós-estruturalismo, como as de caráter gerativista e cognitivistas, vem conquistando espaço na pauta de pesquisadores de grandes universidades brasileiras e a constituição de diversos grupos de pesquisadores possibilitou a formação de mestres e doutores na área que se distribuem pelas universidades brasileiras, difundindo suas ideias. É interessante esse movimento, que acaba por propiciar um diálogo entre teorias morfológicas diversas, necessário ao fazer científico. Esta revista reúne análises de fenômenos morfológicos sob ponto de vistas diferentes, enriquecendo-a.

Em sua introdução ao *Handbook of Morphology*, Spencer e Zwicky<sup>11</sup> afirmam que a Morfologia está no centro conceitual da linguística, uma vez que ela é o estudo da estrutura da palavra e palavras estão na interface entre fonologia, sintaxe e semântica. De acordo com os autores:

[p]alavras têm propriedades fonológicas, elas se articulam para formar frases e sentenças, sua forma geralmente reflete suas funções sintáticas e suas partes são geralmente compostas de pedaços significativos menores. Adicionalmente, palavras se relacionam umas com as outras através de suas formas; isto é, elas formam paradigmas e grupos lexicais. Por esta razão, a morfologia é algo que todo linguista tem de saber. A centralidade da palavra traz consigo dois desafios importantes. Primeiro, há a questão de o que governa as formas morfológicas: como a alomorfia está por ser descrita? O segundo [desafio] é a questão de o que governa as funções sintáticas e semânticas das unidades morfológicas, e como elas interagem com a sintaxe e a semântica adequadas.<sup>12</sup>

---

<sup>10</sup> CÂMARA Jr., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1970.

<sup>11</sup> SPENCER, ANDREW and ARNOLD M. ZWICKY. "Introduction." *The Handbook of Morphology*. Spencer, Andrew and Arnold M. Zwicky (eds). Blackwell Publishing, 2001. [Blackwell Reference Online](http://www.blackwellreference.com/subscriber/tocnode.html?id=g9780631226949_chunk_g97806312269493). 28 September 2015 <[http://www.blackwellreference.com/subscriber/tocnode.html?id=g9780631226949\\_chunk\\_g97806312269493](http://www.blackwellreference.com/subscriber/tocnode.html?id=g9780631226949_chunk_g97806312269493)>

<sup>12</sup> Tradução aproximada do original: Words have phonological properties, they articulate together to form phrases and sentences, their form often reflects their syntactic function, and their parts are often composed of meaningful smaller pieces. In addition, words contract relationships with each other by virtue of their form; that is, they form paradigms and lexical groupings. For this reason, morphology is something all linguists have to know about. The

---

Esses desafios foram encarados pelos autores dos artigos que compõem este número especial da Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da UFBA e algumas respostas, mesmo que parciais, serão encontradas nas páginas a seguir.

Outro desafio enfrentado pelos colaboradores deste volume foi o de apresentar reflexões acerca de um dos desenvolvimentos mais recentes na teoria linguística: as interfaces. Vários artigos aqui compilados apresentam propostas de análise que assumem um diálogo essencial entre a morfologia e outros níveis da gramática, tais como a fonologia, a sintaxe e a semântica. A ideia aqui não foi a de apresentar um único modelo de encarar essas relações, mas a de construir um exemplar da diversidade teórica de análise, possível a partir da observação de que os diferentes níveis de análise linguísticos produzem interessantes e importantes resultados tanto na descrição quanto na análise e explicação dos fenômenos morfológicos. Assim, alguns dos artigos desta edição demonstram a necessidade de se examinar como os fenômenos considerados tradicionalmente como puramente morfológicos, na verdade, interagem com outros níveis linguísticos: com a sintaxe, a partir da reflexão acerca das unidades básicas que são manipuladas neste nível; a fonologia, a partir da relação estabelecida fonologicamente entre os “pedaços de morfologia” (*pieces of morphology* nos termos de HALLE; MARANTZ, 1993); a semântica, uma vez que o significado pode ser o resultado de operações; e o léxico, a partir da discussão sobre o armanejamento e a seleção dos elementos morfológicos para a construção de elementos lexicais numa dada língua.

Na interface entre a morfologia e a sintaxe, trabalhos como os de Danniell Carvalho, Janaína Carvalho e João Paulo Lazzarini-Cyrino, neste volume, convidam-nos a refletir sobre a relação existente entre a estrutura da palavra e a da sentença e como a relação entre estes dois níveis é colaborativa. Uma conclusão a que chegamos a partir das análises é a de que as operações sintáticas são, pelo menos parcialmente, conduzidas por traços morfológicos.

Na interface entre a morfologia e a semântica, Figueiredo *et al.* realiza reflexões acerca da relação entre *pedaços de morfologia* idênticos que expressam valores semânticos diferentes, fazendo-nos refletir se as operações sintáticas poderiam ser responsáveis por questões que envolvem morfologia, semântica e

---

centrality of the word brings with it two important challenges. First, there is the question of what governs morphological form: how is allomorphy to be described? The second is the question of what governs the syntactic and semantic function of morphological units, and how these interact with syntax and semantics proper. (SPENCER; ZWICKY, 2001, p. 1)

---

sintaxe. Desta forma, seu artigo traz contribuições significantes no que diz respeito à contribuição semântica de traços interpretáveis, além das relações entre marcação/subespecificação morfológica e especificação semântica.

Na interface entre a morfologia e o léxico, os trabalhos de Simões Neto e Soledade, e Espadaro e Scher, fazem um convite à reflexão acerca da aproximação e do distanciamento entre os níveis morfológico e lexical. A partir de suas reflexões sobre composição e produtividade morfológica nos dados apresentados, podemos nos questionar sobre as propriedades da morfologia e do léxico e até que ponto podemos considerá-los dois níveis distintos (como propõe a Morfologia Distribuída) ou níveis complementares. Ainda, de acordo com Aronoff e Anshen (2001), a morfologia cria todas as potenciais palavras de uma língua a partir de regras morfológicas e pela satisfação da condição de boa formação.<sup>13</sup>

Na interface entre morfologia e fonologia, o trabalho de Ramírez e Gonçalves nos leva a refletir sobre questões que relacionam as estruturas morfológicas e fonológicas, tais como: como palavras morfológicas afetam a aplicação de regras fonológicas? Como categorias morfológicas e fonológicas interagem no sistema linguístico de uma língua particular? Há uma hierarquia na aplicação das regras que regem tais categorias?

A ideia de construir um número temático voltado aos estudos morfológicos veio a partir da realização, em 2011, do I Encontro de Morfologia Distribuída do Nordeste, organizado pelos professores da UFBA Cristina Figueiredo e Danniell da Silva Carvalho, com a intenção de aproximar os pesquisadores da UFBA e, mais amplamente, os do Nordeste, ao que vem sendo feito em uma área da Língua ainda jovem, se levarmos em conta seu surgimento, nos primórdios dos anos de 1990. Para além dos estudos em Morfologia Distribuída, o evento trouxe para o centro da discussão de nosso encontro trabalhos em outras áreas que somente enriqueceram as reflexões feitas àquele momento pelos participantes e que possibilitaram uma mais que bem-vinda interação entre os diferentes olhares teóricos sobre morfologia.

---

<sup>13</sup> ARONOFF, M.; ANSHEN, F. Morphology and the lexicon: lexicalization and productivity. In: *The Handbook of Morphology*. Spencer, Andrew and Arnold M. Zwicky (eds). Blackwell Publishing, 2001. [Blackwell Reference Online](http://www.blackwellreference.com/subscriber/tocnode.html?id=g9780631226949_chunk_g97806312269493). 28 September 2015 <[http://www.blackwellreference.com/subscriber/tocnode.html?id=g9780631226949\\_chunk\\_g97806312269493](http://www.blackwellreference.com/subscriber/tocnode.html?id=g9780631226949_chunk_g97806312269493)>

---

Dessa forma, a partir das reflexões iniciadas naquele momento histórico ocorrido para a pesquisa em morfologia na Universidade Federal da Bahia, surgiu a ideia de ampliar o convite para a construção de um volume dedicado às discussões apresentadas naquele momento a pesquisadores que pudessem colaborar com trabalhos em outras áreas dos estudos morfológicos para a construção de um volume que visasse demonstrar como os diferentes pontos de vista dentro da morfologia poderiam dialogar e contribuir mutuamente.

Assim, construímos este número. Trabalhos vindos de centros de referência em estudos da morfologia, como USP, UFRJ, UNICAMP, UNIFESP e UFBA, foram reunidos neste volume. Esses trabalhos resultam de pesquisas sobre diversos fenômenos que envolvem o comportamento categorias gramaticais do português e de outras línguas a partir de abordagens morfológicas descritivas e teóricas. Além de discussões mais específicas sobre a natureza e constituição desses elementos. As perspectivas aqui reunidas representam as principais e mais recentes vertentes do estudo da gramática das línguas naturais.

O primeiro artigo intitulado *Morfologia em Morfologia Distribuída*, de autoria de Ana Paula Scher, Indaiá de Santana Bassani e Rafael Minussi, apresenta uma visão para o tratamento da Morfologia dentro de um modelo como o da Morfologia Distribuída, que concebe a formação de palavras na sintaxe. Os autores retomam a discussão acerca das nominalização em inglês proposta por Chomsky (1970), nominalização gerundiva e nominalização nominal, evidenciando as desvantagens dessa análise lexicalista para os fenômenos morfológicos. A partir de então, apresentam as propriedades do modelo, seus primitivos linguísticos e a proposta de arquitetura da gramática, priorizando dados e características do português brasileiro.

Em seguida, Danniell da Silva Carvalho discute, em seu artigo *Algumas considerações sobre a morfossintaxe de gênero*, aspectos da morfossintaxe de gênero interlinguisticamente, procurando investigar sincronicamente forma e função de gênero a partir da hipótese de que a manifestação formal e funcional de gênero no mundo real segue princípios universais na língua.

Em seu artigo *Sobre nominalizações em -mento e aspecto lexical*, Cristina Figueiredo *et al.* discutem o papel do aspecto lexical, *aktionsart*, (VENDLER, 1967, SMITH, 1997) na leitura final de nominalizações em -mento, considerando os pressupostos teóricos da Morfologia Distribuída (HALLE e MARANTZ, 1993, 1994; MARANTZ, 1997; SIDIQQI, 2009). Assumindo que as

---

informações abstratas, fonético-fonológicas e semânticas das palavras estão distribuídas em três listas distintas, as autoras propõem que os traços de aspecto (dinamicidade, telicidade e duração) se constituem traços formais independentes e, assim como as raízes, estão armazenados na Lista 1. No curso da derivação, esses traços, combinados em um núcleo funcional que c-comanda a raiz, expressam o aspecto lexical da raiz e, nas nominalizações, a leitura de ato/processo e resultado.

Na mesma direção da interface entre morfologia e sintaxe e semântica, no artigo *O que causa a alternância de verbos agentivos no português brasileiro?*, Janaína Carvalho defende que a alternância agentiva (AA) é um subproduto da perda do clítico *se*, que ocupa a posição de argumento externo. A autora mostra que a AA é diferente da alternância causativa e que os verbos que participam da AA partilham características com médias genéricas não-marcadas. Com a perda de morfologia de voz (*se*), as médias não-marcadas em português brasileiro (PB) possuem uma estrutura inacusativa. Como resultado, não há diferenças de transitividade entre sentenças anticausativas e médias em PB.

João Paulo Lazzarini-Cyrino, numa proposta de interface, em seu artigo intitulado *Um caminho de análise para construções passivas sintéticas*, aponta um proposta de análise para as construções passivas sintéticas que preveja dois fenômenos atestados translinguisticamente para as passivas analíticas, a saber: o sincretismo de suas marcas com as de construções reflexivas e um forte componente impessoal, que as permite receber uma interpretação genérica ou inclusiva. O caminho apontado pelo autor se pauta-se na análise sintática e n argumental para a marca passiva, nos moldes de D'Alessandro (2007).

Partindo de um viés mais funcionalista, Nival Almeida Simões Neto e Juliana Soledade apresentam seu artigo, *Túnel morfológico: Polissemia, sinmorfismo e doublets no português arcaico e no português brasileiro*, que apresentam as relações de polissemia, sinmorfismo, alomorfia e doublets com dados obtidos em pesquisas dialetológicas sobre a variação lexical no português brasileiro contemporâneo e estabelecer comparações com os estudos sistemáticos de Soledade (2001, 2005) sobre a sufixação no português arcaico, com a intenção de: i) observar a viabilidade de estudar a variação morfológica na dialetologia; e ii) discutir a herança morfossemântica e lexical do português arcaico para o português contemporâneo, fazendo uma viagem ao passado para explicar fatos do presente e aproximando dois recortes sincrônicos sobre a língua portuguesa de épocas muito distintas.

---

Mayra Espadaro e Ana Paula Scher, em seu artigo *O papel da morfologia apreciativa na criação lexical na obra de Guimarães Rosa* apresentam o comportamento da morfologia apreciativa nos neologismos criados por Guimarães Rosa, analisando os processos que o autor utiliza para inventar novas palavras semanticamente expressivas dentro do sistema gramatical do português brasileiro.

Na perspectiva da Teoria Otimalista, os autores Thayssa Taranto Ramírez e Carlos Alexandre Gonçalves, no artigo *Tu dorima esta calato ¡Pues!: uma abordagem Otimalista de Metátese no Argot peruano*, analisam a metátese na *jeringa* peruana. A metátese (*vesre*) é um processo formal que consiste no reordenamento de sílabas/segmentos de uma palavra para, no *argot*: encobrir seu significado, lhe imprimir novos sentidos ou brincar com sua forma. Os autores analisam o fenômeno com base em restrições universais ordenadas em uma hierarquia de relevância e concluem que o referido processo apresenta regularidade, sendo, portanto, passível de exame com os instrumentos da TO.

Esperamos que este volume inspire e contribua para a continuação da pesquisa em morfologia em todas as áreas de investigação. Para concluir esta apresentação, gostaríamos de agradecer profundamente aos colaboradores, cujas excelentes contribuições têm ampliado as fronteiras dos estudos morfológicos.

Cristina Figueiredo  
Danniel Carvalho  
*Organizadores*